

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	800 reis	JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA Redactor A. PEIXOTO DO AMARAL Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 74	Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	940 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$100 »		Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$500 »
India, China e America.	1\$280 »		Numero avulso	100 »



SUMMARIO

Provisão do Rev.º Sr. D. Antonio Barroso concernente a certos exames synodaes, e de pregadores —Devoção a Maria, Mãe de Deus e Mãe dos homens—SECÇÃO DOCTRINAL: A religião em França, pelo sr. A. Peixoto do Amaral. —SECÇÃO CRITICA: Socialismo, christianismo e catholicismo, pelo sr. A. S. F.: Instantaneos, pelo sr. Aristarecho. —SECÇÃO LITTERARIA: Primasia e naturalismo (poemeta) pelo sr. Oscar Luso; O filho da lavadeira, (conto vertido do allemão).—Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, pelo rev. padre João Vieira Neves Castro da Cruz; Os Papas de Avignon, pelo sr. A. Peixoto do Amaral. SECÇÃO ILLUSTRADA: Francisco I, rei de França; S. Carlos em Vienna.—NOTICIAS de Roma. —SECÇÃO NOTICIOSA.

Gravuras: Francisco I, rei de França; S. Carlos em Vienna.



Francisco I, rei de França

CARTAS ENCYCLICAS

DO

Santo Padre Leão XIII

Contendo as 84 Encyclicas publicadas até ao presente

PREÇO—4 VOL. 2\$000 RS.

A assignatura conserva-se aberta até ao dia 31 d'agosto. Depois d'este praso o seu preço será de 2\$400 réis.

A' venda nas principaes livrarias, em casa do editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 e na administração da «Palavra».

Os pedidos devem vir acompanhados da sua importancia.

D. ANTONIO JOSÉ DE SOUZA BARROSO, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, Prelado Assistente ao Solio Pontifício, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do reino, etc.

Fazemos saber sobretudo aos presbyteros d'esta diocese que achando-se estabelecido o costume de serem dispensados do exame synodal os presbyteros, qua, tendo feito concurso por provas publicas, se collam pela primeira vez, seja qual fôr o intervallo do concurso á collação;—attendendo á necessidade de repetir as materias que fazem parte dos exames synodaes e a outros motivos particulares;

Havemos por bem com relação aos ditos exames e aos de prégador determinar o seguinte:

1.º—Todo e qualquer presbytero já habilitado ou que venha a habilitar se com concurso por provas publicas e que no prazo de cinco annos a contar da data do exame se não collou, será, passado este prazo, obrigado a exame synodal para collação.

2.º—Todo e qualquer presbytero habilitado ou que se venha a habilitar com exame de prégador por um anno e sem clausula, será dispensado de novo exame, enquanto não fôr expressamente chamado.

3.º—A determinação expressa no n.º 1 será applicada a qualquer presbytero que seja apresentado a contar da data desta inclusivé.

Esta Nossa Provisão depois de registada na Nossa secretaria será remittida á Camara Ecclesiastica para o mesmo fim e o rev. Escrivão dará conhecimento ao muito rev. Promotor para os devidos effeitos.

Dada no Porto e Paço Episcopal sob Nosso Signal e sello de Nossas Armas aos 20 de junho de 1900.



ANTONIO,
BISPO DO PORTO.

Registada na secretaria,

Padre José dos Santos Barroso.

Registado no livro competente,

Padre Julio A. Ferreira.



DEVOÇÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria. — A maxima parte da minha vida foi passada em gemidos e lagrimas, e os meus dias foram cheios de dôr e de amargura (De Imit. B. M. V.)

Invocae a Maria. — A vós suspiramos gemendo e chorando! sintam todos o teu auxilio, Mãe querida! — Ave Rosa, que com a tua formosura e suavidade deleitas os olhos dos homens, dos anjos e de Deus! (Bem de Bust.)

Alegrae a Maria. — Cumprindo os deveres do proprio estado com humildade e perseverança. *Recitae o Rosario da nossa dulcissima Patroeira, todos os dias com devoção.*

ll.

SECÇÃO DOUTRINAL

A religião em França

COMO os nossos leitores sabem, e nós aqui temos dito por vezes, o governo demagogico que está á testa da republica franceza tem feito uma guerra de morte á religião catholica.

Todos os dias os jornaes noticiam arbitrariedades, e factos insolitos commettidos pelo governo contra o clero, contra as aggremações catholicas, contra os preceitos da religião.

Veja-se o que se fez contra os Reverendos padres Redemptoristas.

Ultimamente em Reims o *maire* mandou, por sua alta recreação, derribar um cruzeiro, que alem de ser um monumento antigo e venerando, era o symbolo da redempção, e como tal era credor do respeito e veneração de todos. Pois, apesar, de ter havido uma imponente manifestação da população que em numero superior a trez mil pessoas quiz impedir a profanação d'esse augusto monumento, a obra iniqua foi consumada, e o demonio conseguiu empolgar mais uma alma, e causar um desgosto enorme a milhares de pessoas.

A cidade de Reims, que tem tradições historicas de vulto, que é sede d'um arcebispado, que possui uma ex-

plendida cathedral que é um admiravel monumento gothico do seculo XIII, que possui a bella egreja de S. Remi, cujo padroeiro baptisou Clovis I, rei dos Francos, em 496, logo apoz a sua conversão, e onde finalmente Joanna d'Arc sagrou o rei Carlos VII a 17 de julho de 1429, tem actualmente um *maire*, agente do ministerio de Waldeck-Rousseau que desacata o culto, e qual outro sectario dos Albigenses e dos Hussitas, condemnados nos concilios de Nicea, e de Constantinopla, imita os iconoclastas, despedaçando não tanto as imagens dos santos, como a propria cruz em que Jesus Christo quiz ser morto, para resgatar o genero humano.

E foi tam mal recebida semelhante acção pelos catholicos de Reims, que o Arcebispo mandou logo fazer preces nas egrejas da sua archi-diocese, e de toda a parte se ergueram protestos da população vivamente indignada. Ha até já nomeada uma grande commissão destinada a reparar o ultrage feito á sagrada cruz, mandando reinstallar o cruzeiro, sendo de tal forma apreciado o procedimento do *maire* que até a sua propria familia o condemna abertamente.

Mas ainda ha mais. Agora as municipalidades radicaes-socialistas, em que por sua desgraça tanto abunda a França que n'outros tempos foi o paiz christianissimo do rei S. Luiz IX, e da virtuosa rainha Maria Leczinska, por todos os meios tentam molestar os catholicos.

E de que se haviam de lembrar agora os socialistas communaes de Mary? De prohibir as procissões.

Se a França não reage; se não implora do Sagrado Coração de Jesus força para reagir, é em breve uma nação morta.

A PEIXOTO DO AMARAL.

SECÇÃO CRITICA

Socialismo, christianismo e catholicismo

Deus te saude, Thomaz d'Aquino, anjo das mais bellas escolas. Oh! o radioso silencio, tanto nos ensina o que tu és, — a doutrina do bem obrar, e falar a tempo, de caso pensado e a proposito. Silencio!! Tu és de ouro, e a cadeia que nos liga a Deus na oração.

Aos pés do crucifixo aprendeu santo Thomaz d'Aquino as suas brilhantes doutrinas; o crucifixo é o melhor dos livros para os sabios e illetrados. Chagas e Coração de Jesus, vós sois o meu refugio para eu não peccar, o meu céu aberto para eu entrar n'elle; pois só no céu é que não se pena. Sangue de Je-

-sus Christo, de um valor infinito, preciosissimo, abre-me o céo purissimo; que ninguem pode lá entrar com peccado algum.

Comquanto se diga que o estudo faz o futuro, melhor podemos affirmar que não pede a Deus penas e quem deixa de orar perde-se. Santo Thomaz estudou muito, e orou ainda mais, e assim levantou o edificio social mais ingente que o grande Leão XIII conhece. Ninguem ensinou tão bem até hoje, ou ninguem disse melhor como devemos aprender. E Leão XIII, que o recommenda, é o maior sabio d'este mundo, podendo-se dizer o sabio por excellencia. imitando aquelle cujo é seu vigario.

Vi Pedro, uma vez eu o disse a Leão XIII, e na Sua presença *vide Petrum!* Elle fitou-me bem: agora estou satisfeitissimo. Quiz ver de novo a Pedro, Este pelo Seu poder na pessoa do mesmo Pontifice Maximo Leão XIII, mas não pude, um terrivel ataque de influencia com rheumatismo, o qual ainda presentemente dura, me impediu completamente. Ainda enviei os 1\$500 reis para o preparo; mas, porque foram em papel não registado, em uma carta em que seguia, lá se moldaram á reforma social, e fiquei; e pobre de quem fica... Tollido. E' que o socialismo vem sempre a tolher-nos... mais.

Lá toma elle todas as fórmulas para tolher-nos, inspirando um desejo invariavel de apropriar do alheio por meios injustos. Assim, o communismo, que, dizendo-se *considerar* os bens de todos, chamando-se tambem socialismo, e o liberalismo etc., vamos do socialismo temivel, mirando fins sem justificação punivel de meios, são insufficientissimos para vida e para morte,—não podem nos dar a paz do coração e a alegria pacifica e serena dos herdeiros do reino eterno.

S. Thomaz d'Aquino com seu radiante methodo nos revelou as mais sublimes verdades frequentemente ou a cada passo. E' um novo Moysés, tambem instruido por Deus a fundo: Bem escreveste, ó Thomaz á meu respeito.

Hoje nem oração, nem doutrina. E nem oram nem sabem pedir estes homens de hoje. Basta uma pequena saude já estão soberbos, com uma pequenina fortuna já se impõem. Nem Cuba, nem Pretoria, nem protestantes, nem catholicos, podem tentar a Deus, por ser peccado muitissimo grave... As educações faceis transtornam quanto ha. Os bens d'este mundo facilmente quem pode os arrepanha; céo é que não querem muitas pessoas de hoje, agora; excepto com peccados, erros, vicios, etc.

Mais copiar Leão XIII a passos de gigante... Com a pluralidade de opiniões, chega-se facilmente á vacillação e á duvida: da duvida, porém, ao erro

é facillimo ao entendimento humano o chegar, como todos sabem. Os homens deixaram-se arrastar facilmente pelo exemplo, e a paixão das novidades invadiu, segundo parece, em alguns paizes até o espirito dos philosophos catholicos, os quaes, desprezando o patrimonio da antiga sabedoria, preferiram edificar de novo o accrescentar e aperfeiçoar o antigo edificio, projecto sem duvida pouco prudente e que causa grande detrimento ás sciencias.»

Tanta opinião, e até a ignorancia do que deveria saber-se: pois assim não ha nem pode haver profunda sciencia. E' a sciencia que nos diz as ultimas palavras; quando está longe, tambem nós estamos longe de ver a Deus, n'esta vida, pelo menos. Pela theologia natural confessamos a Deus muitissimas vezes, mas esta só não basta: é preciso crermos principalmente o que Deus nos disse para nosso bem: outro não quer o nosso maximo bemfeitor, o maior amigo e protector nosso.

(Continúa.)

A. S. F.

Instantaneos

Publicou o «Primeiro de Janeiro» um communicado do snr. Eugenio Pastor censurando o sexteto que tocou no theatro de S. João, durante as recitas da companhia do theatro de D. Maria, por ter recebido a importancia da quantia em divida, pelo seu trabalho, quando todas as demais pessoas e agremiações nada quizeram receber, pela recita em beneficio do cofre da Associação dos jornalistas.

Até por signal que disse terem esses senhores recebido 12\$500 rs. o que equivale a dizer que cada um recebeu a quantia de 2\$083 e dois sextos de real... quantia realmente esquisita.

Dois dias depois publicava o alludido jornal um outro communicado do snr. Miguel Alves, violinista e director-gerente do alludido sexteto, declarando que, fazendo parte dos concertos de musica classica que delicias os frequentadores do theatro Aguiá d'Ouro o ditc snr. Pastor que tanto mal disse (com razão) dos collegas, não podiam os membros componentes do sexteto fazer parte dos mencionados concertos, pois que *duro com duro nunca fez bom muro.*

Mas em antes de tomarem essa resolução que por certo ia affectar os interesses dos conspicuos membros do sexteto, foram consultar o snr. Moreira de Sá que, em vista do consenso unanime da *troupe*, resolveu despedir o snr. Pastor dos concertos, prescindindo

assim dos seus reconhecidos serviços.

Em vista de tudo isto, só desejava saber uma coisa. Em que posição ficou a imprensa e o sexteto, com esta comica questão?

Dicant Paduani.

*

* *

Diz o correspondente do *Seculo* em carta dirigida d'Aveiro, o seguinte:

«Tem-se feito ouvir no jardim publico d'esta cidade a magnifica philarmonica Ovarina... No ultimo domingo o repertorio constou do passo-marcha *Marquez de Pombal*, de Domingos Caldeira, inspirado no extraordinario romance do brilhante escriptor Antonio de Campos Junior...»

Fazemos idéa. O maestro, *inspirado no extraordinario romance*, lendo aquellas peripecias do marquez de Pombal, a sua indole ferina, as artimanhas de que se serviu para levar ao cadafalso tantas victimas innocentes, e para se vingar dos jesuitas que nenhum mal lhe haviam feito, imaginou, que, mal deixasse o mundo, correria com toda a pressa para o tundo do averno, e por isso só podia fazer-lhe um passo-marcha!

O mais curioso é o remate da noticia, que diz assim textualmente:

«Todas estas musicas foram executadas com *grande sentimento*...»

E que lhes parece? *Aristarcho.*

SECÇÃO LITTERARIA

Primavera e naturalismo

satyra á poesia moderna

IV

Desde então, seu nome lindo
Nunca meus labios perpassa
Sem que a ideia da Pirraça
Venha atraz d'elle, sorrindo...
Como isto me dilacera,
Como isto me desespera
E cauza Rancor infindo!

Sinto as Coleras activas
Da Soberba envergonhada;
Sinto a Raiva concentrada
Subir-me ás Faces esquivas
Nos borbotões do Pudor;
Mordem-me as garras da Dor,
Das angustias convulsivas!

Tomar... que grande loucura!...

O retrato, pela couza...
A imagem do sol, que pouza
Das aguas na formozura,
Pelo astro refulgurante...
Por voz, o echo distante...
O beijo pela ternura...

Porque, em sincera verdade,
O esplendor da natureza,
E magestade, e riqueza—
Que são, senão vanidade,
E fumo, que desvanece
Como um suspiro, uma prece
Levada na tempestade ?

Uma existencia ha somente
Que a fouce do tempo duro
Do universo no monturo,
Dos mundos no lago ingente
Não ha-de fazer cahir,
Em pó perpetuo a dormir :
Deus eterno, omnipotente.

Os canticos da alvorada
Prefulgindo em radiações ;
Dos valles as seducções,
Quando á espera d'essa *Fada*
A que os Poetas Modernos
Consagram hymnos tão ternos ...
Como á sua mais Amada...

O sol doirando o poente
Entre franjas d'ouro e anil ;
Nas lindas noutes de abril,
Dos ceus o lago dormente,
Quando o atravessa, e fluctúa,
A linda barca da lua...
Brandamente... docemente ..

Tudo isso é nevoa que o sol
Ha-de esvaír, dissipar,
Quando, bello, despontar
Da eternidade o arrebol ;
Pó que o fogo dos abysmos
Sorverá nos catactysmos,
Como em terrível crisol.

Olhar, pois, a natureza
Como uma Lyra cantante
Que faz vibrar, murmurante
A Viração da deveza ;
Ou como Flor que do Nada
Brotasse n'uma Alvorada,
Espontanea, docemente...

Não passa de vã cegueira
Só mui propria de patetas
Como os modernos Poetas ...
Já d'uma tal maluqueira
Foi minha mente arrastada ;
Tomou comtudo, a Estribeira.

Continúa

V—MCM.

OSCAR LUSO.

O Filho da Lavadeira

(PELO DOMINICANO P. CONRADO MUINOS)

I

Mãe e Filho

N o anno de 1512 vivia em Granada uma pobre lavadeira, viuva, por nome Catharina, estimadissima pelo perfume de suas virtudes, com especialidade da virtude angelica. Seu filhinho, Luiz, era bem bonito, com seu roseo rosto, testa alta, e olhos pretos e vivos; mas a formosura externa era apenas um reflexo da candura e innocencia de sua alma.

Mãe e filho; eis aqui dois seres, que

o mundo teria chamado desditosos, em quanto elles pelo contrario gozavam de incomparavel felicidade, pois inabalavel era sua fé em Deus; tudo esperavam da divina bondade; achavam um balsamo na oração, e uma paz inalteravel em sua boa consciencia.

Luizinho não conhecera seu pae; porém costumava Catharina a miúdo falar-lhe d'elle. Todas as tardes, ao esconder-se o sol atraz das visinhas collinas, e ao resoar ainda dos ultimos toques, pegando a mãe na mão do menino, dizia-lhe:

—Meu filho, rezemos agora pelo eterno descanso da alma de teu pae.

Ajoelhava-se Luizinho ao pé da mãe, punha as mãosinhas, e erguendo os olhos para o céo, rezava com ella, em quanto suaves lagrimas lhes deslizavam pelas faces.

—Ah! meu Jesus! disse um dia á Catharina uma abastada visinha; eu não invejo a ninguem n'este mundo, alem de ti, por seres a mãe de tal filho. Oxalá se lhe parecesse o meu Lopo!

Catharina nada respondeu, mas apertando Luizinho ao peito, imprimiu-lhe um beijo na testa. E na verdade havia razão de excitar inveja, pois difficilmente se encontraria um filho mais obediente e mais extremoso para com sua mãe, do que Luizinho.

II

Uma esmola por amor de Deus

Era um dia de inverno muito rijo, e as ruas de Granada viam-se cobertas de neve. No fundo d'um quarto mal provido, onde, porém, não faltava a piasinha da agua benta, uma imagem de Nossa Senhora das Dôres, e um simples crucifixo, deitada n'uma cama estava uma pobre mulher, cujo arfar revelava a febre ardente, que dentro a consumia. A' cabeceira achava-se um rapazinho, que encostando com carinho sua cabeça na da doente, e com o braço rodeando-lhe o pescoço, a contemplava anciosamente.

Eram Catharina e Luizinho.

Chorava o menino, levantava preces a Nossa Senhora das Dôres, e de vez em quando molhava com agua benta a testa da mãe. Coitada! Estava doente já havia um dia, e nada pudera ganhar para o sustento da sua pequena familia.

Catharina suspirou, abriu os olhos, e disse para Luizinho:

—Ah! és tu, meu filho? Coitadinho! sempre a meu lado!

—Como estás, mamã? atalhou o menino.

—Estou melhor, meu querido filho. Mas agora dize-me: comeste já alguma coisa?

—Não me debes perguntar, minha mãe. Sinto muito não poder dar-te nada para aquecer-te. Estás devéras melhor? Dize a verdade.

—Sim, meu fiho, estou melhor de saude.

—Então quero ir buscar uma esmolinha. Deus não nos esquecerá. Mas não me illudas; pois não quero deixar-te sosinha neste estado.

—Meu anjinho, filho do meu coração! exclamou Catharina beijando-o com ternura.

Beijou tambem Luizinho a sua mãe, saiu do quarto; com tres pulos desceu os degraus, e foi logo para a rua.

Passando diante da Alhambra foi visto por Lopo, o filho da abastada visinha. Era este um menino desobediente e indocil, que muita magoa causava a seus paes. Mesmo n'aquella manhã, mandando sua mãe que fosse para a escola, não quizera obedecer, aperreara sua irmãsinha Emilia, fugira de casa, e agora estava brincando na rua, arremessando bolas de neve aos cães. Logo que viu Luiz bradou para elle:

—Luiz, vamos juntos fazer uma grande bola de neve.

—Obrigado, Lopo: devéras não posso; respondeu Luiz sem parar.

Mas por não ser Lopo costumado de aturar a mais leve resistencia ao seu máo humor, foi incontinente ao encontro d'elle, dizendo:

—E' indispensavel agora, que tu me ajudes.

—Deixa-me, Lopo, por amor de Deus. Careço de buscar uma esmolinha para minha mãe, que está doente.

Aqui brilhou uma lagrima nos olhos do coitadinho.

—Pois sim, gritou o selvagem Lopo. Se tiver tambem tua mãe de fallecer, que importa? Uma pobre de menos no mundo.

Ainda que fosse Luiz dotado de muita mansidão, ficou não pouco agastado por tão grosseiro desaforo contra sua estremeçada mãe, e gritou exasperado:

—Lopo, não injurias a minha pobre mãe!...

Em resposta zombou Lopo d'elle cruamente.

Então, Luiz se não pode mais conter e foi ás vias de facto com o travesso rapaz.

D'uma janella de seu palacete, era espectador da rixa o conde de Tendillo, que mandou um criado para separar os meninos e conduzil-os á sua presença. Logo que deu Lopo com os olhos no criado, desprendeuse com força de seu adversario, e evadiu-se promptamente. Luiz, confiado em sua consciencia, deixou-se levar ao conde.

—Porque destes um no outro? perguntou-lhe o conde.

—Senhor, respondeu o menino, elle

ultrajara minha mãe, pobre viuva, e eu não pude aturar, pois amo-a extremamente. Elle ultrajou-a por nós sermos pobres. Mas fique sabendo o senhor, que n'isto a mamã não tem culpa. A pobreza não é deshonra, pelo menos em minha mãe que é tão boa e tão religiosa.

Tudo isto disse Luizinho com tanta vivacidade e graça, e ao mesmo tempo com tal accento de verdade, que se persuadiu o conde de divisar nelle um extraordinario menino e um talento descommunal.

—E para onde ias? lhe perguntou elle afagandó-lhe as faces.

Luizinho olhou meigamente para o conde, desatou a chorar, e disse:

—Ia pedir esmola para poder dar um allivio á minha mãe, que está doente.

O prestante senhor, que, esforçado guerreiro nunca estremecera perante as balas, ao ouvir o delicado tom, que proferira o menino estas palavras, não pode dominar sua profunda emoção. Pegou carinhosamente na mão d'elle, accrescentando:

—Vem commigo, meu querido menino, acudir-te-hei e a tua mãe.

—Oh! obrigado, senhor, obrigado.

Luizinho foi pelo seu bemfeitor conduzido atravez de uma enfiada de corredores e salas, cujo luxo o pasmou.

De repente achou-se diante da condessa, e ella sentiu-se logo propensa para o menino.

—Este menino, disse o conde, de hoje em diante ficará debaixo da nossa protecção.

—Como te chamas? perguntou a condessa.

—Luiz.

—E teu pae?

A pobre creança encarou tristemente a senhora; abaixou os olhos e chorando respondeu:

—Não tenho pae.

—Coitadinho! Não chores, meu filho, exclamou commovida a condessa.

Incontinentemente o conde informou sua senhora da triste situação de Catharina, e ella virando-se para Luizinho disse-lhe:

—Queres brincar com meus filhos?

—Agradeço muito, senhora, mas a mamã está á minha espera.

—Pois bem, leva-lhe uma gallinha e este dinheiro, e dize-lhe, que logo depois de curada tu deves vir aqui para estudar e brincar com meus filhos. Gostas de aprender?

—Sim senhora; gosto muito.

—E estás disposto a cumprir o que eu te disser?

—Cumprirei; e Deus lhe pague.

Entretanto chamara o conde seus filhos, Antonio, José e Pasquinha, e todos tres com beijos e carinhos cercaram a Luizinho, correspondendo elle gracioso,

e modestamente de sua parte. Mimosaram-no tambem com doces.

Assim carregado de gallinha, doces e dinheiro, cheio de jubilo o coração, voltou para casa, achando felizmente a mãe muito melhor de saude.

—Quem foi, meu filho, que te deu tudo isto? perguntou ella.

—Olha, mamã: um senhor, que me quer muito bem, que mesmo é muito bom, tem filhos muito amaveis, os quaes tambem me amam; beijaram-me e offereceram-me estes doces. O senhor mora na Alhambra.

—Então é o conde de Tendillo?

—Pois sim, é o conde de Tendillo.

—Deus o abençoe junto com sua mulher e seus filhos.

—Pois olha, mamã: se não te desagradar, conforme elle me disse, logo que ficares boa, todo o dia hei-de brincar e estudar com seus filhos.

Ao ouvir isso, Catharina soltou um grito de regosijo, abraçou a Luizinho, e abençoou o generoso bemfeitor.

Graças aos desvelos d'um medico mandado vir pelo conde, cobrou saude dentro em poucos dias, e logo depois levando pela mão seu filhinho, foi agradecer pessoalmente ao nobre senhor. Quiz este, que ella fosse a lavadeira da Alhambra, e forneceu livros e roupas a Luizinho. Todos os dias ia o filho de Catharina junto com Antonio e José, cujos livros elle levava, para a cidade frequentar a aula de grammatica. Adiantou-se tanto no estudo e tão rapidos foram seus progressos, que o illustre par teve muito de que se regosijar, mas particularmente a ditosa mãe, cujo coração ficou repleto de desculpavel orgulho.

III

A vocação

Era o anno de 1524. Crescera Luiz, e já robusto mancebo, com vinte annos de idade perdera seu augusto protector. Para continuar seus estudos e agasalhar á sua mãe, que por velha não podia mais trabalhar, conseguira servir de menino do côro na Capella Real de Granada.

Todavia uma voz interior, um divino impulso excitava-o a voltar as costas ao mundo, entrando n'uma religião. Porém, para seguir tal vocação precisava afastar-se da velha mãe, a pobre Catharina, cuja unica consolação, cujo unico amparo era o querido Luiz. Sentia elle por tal pensamento cortar-se lhe o coração.

Afinal resolveu abrir-se com sua mãe inteirando-a do que tanto almejava.

O que só fez a pobre velha, foi levantar os olhos a Deus, e agradecer-lhe do fundo de seu coração por

se cumprir uma vez o que fora sempre seu anhelado; e de seus labios não sahiram senão palavras de approvação e alento. Perguntando-lhe Luiz, de que modo se regularia no porvir, tornou a boa mãe cheia de santa confiança:

—Quem sustente as avesinhas do céu, se não esquecerá de sua humilde serva.

—Não, mamã, replicou commovido o mancebo, nem eu me esquecerei de ti.

Poucos dias depois, recebida a benção de sua mãe, vestiu Luiz o barel de S. Domingos no convento de Santa Cruz em Granada.

Pediou o joven religioso, e conseguiu a licença de poder com sua mãe repartir a propria comida. Todos os dias, junto da portaria do convento, lá estava a pobre velha para receber sua razão, e muitas vezes ella exclamava:

—Não, não, Deus e meu filho não se têm esquecido de mim. Graças vos dou, meu Deus.

IV

Padre Luiz

Não passaram muitos annos, que o padre Luiz por suas virtudes, sabedoria e eloquencia já se tornara o pasmo de toda Granada. Apinhavam-se os fieis para ouvirem seus sermões repassados de divina uncção. Ainda vivia a pobre Catharina. P. Luiz a amava como sempre, e a apreciava muito por ser sua mãe. Prégando elle um dia, uma avultada multidão, como de costume, enchia o sagrado templo. Eis que de repente percebeu o orador, que uma mulher velha forcejava para se abrir uma passagem n'aquelle extraordinario aperto de povo; e n'ella divisou logo sua propria mãe. E P. Luiz apontando com o dedo a velhinha, gritou:

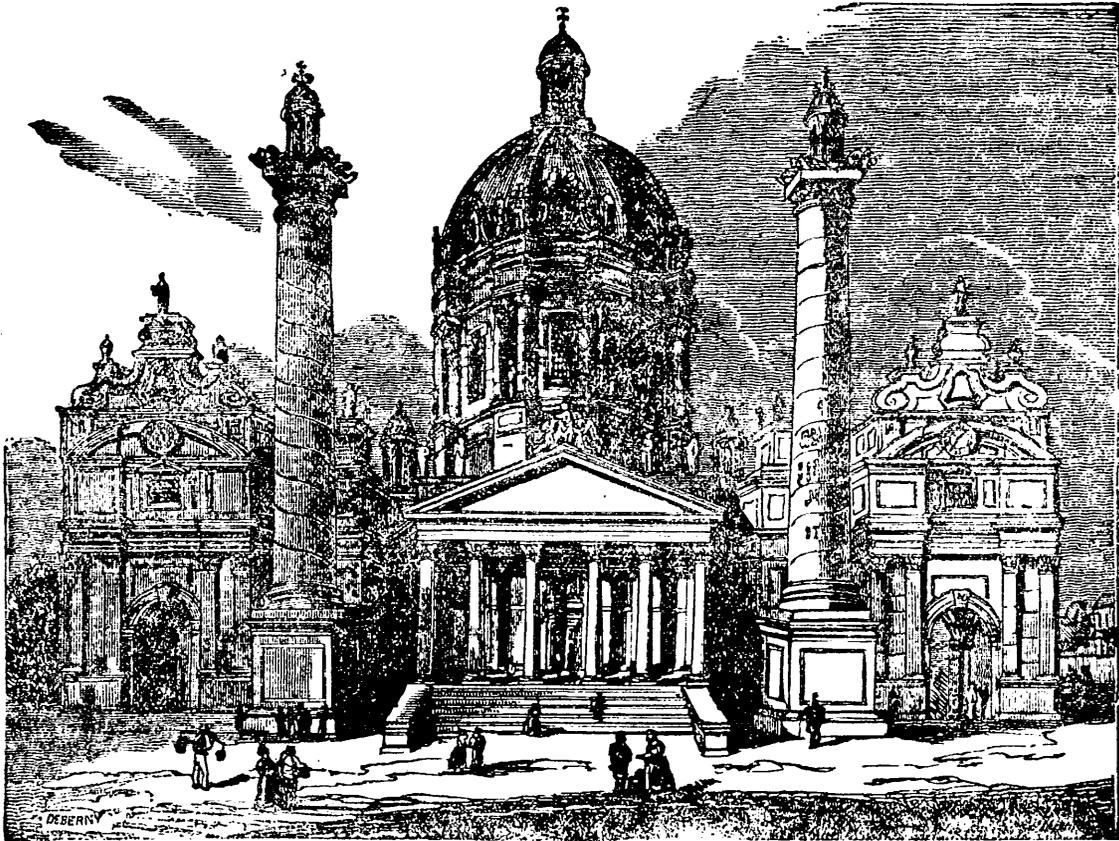
—Deixai a passar; é minha mãe.

E a multidão cheia de reverencia retirou-se de ambos os lados, formando alas, e cem vozes romperam em acclamações estrondosas, dizendo:

—Ditosa e abençoada seja a mãe de tal filho!

Goçou Catharina tambem da consolação de ser por seu filho assistida na hora extrema, e de expirar entre seus braços, depois de ter lhe ainda uma vez lançado a benção maternal.

Esse padre é aquelle veneravel Luiz de Granada, que todo o mundo conhece. Nasceu no anno de 1504 em Granada e morreu em Lisboa em 1588. E' uma verdadeira gloria da ordem dominicana. Notabilizou se não só por ser um dos primeiros mestres da vida espiritual, mas tambem um primoroso escriptor, merecendo assim de ser enumerado entre os classicos da Hespanha. A causa de sua beatificação foi



S. Carlos em Vienna

já acceita da sagrada Congregação dos Ritos.

(Traducção do allemão)

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da companhia de Jesus

CCCXXVI

P. Carlos Malapert

NASCIDO em Mons (França) no anno de 1581, Carlos Malapert entrou na Companhia de Jesus, de que foi ornamento por seus talentos e virtudes. Toda a sua vida, depois que vestiu a roupeta jesuitica, foi inteiramente votada ao estudo das sciencias e á observancia da regra religiosa.

Dizendo que Malapert foi um sabio e um bom religioso, está deleneado o seu caracter, e portanto completo o seu elogio. Consideramol-o, porém, sob o ponto de vista scientifico.

Este jesuita foi professor de philosophia e de mathematica em varias partes, principalmente na Polonia. Era tal a sua reputação de capacidade na ultima sciencia, que em breve se espalhou por todo o mundo. Philippe IV, rei de Hespanha, tendo d'isto conhecimento,

lhe supplicou que viesse a Madrid ensinar mathematica, na Universidade que alli acabava de fundar.

Malapert accitou o encargo que lhe foi offerecido, mas não chegou a exercel-o, porque morreu na sua viagem, para a Hespanha, a 5 de novembro de 1630.

O nome d'este jesuita não se fez conhecer só na sciencia das mathematicas, de que deixou muitas obras de grande estimação e merecimento; tambem se distinguiu na poesia.

No estudo das sciencias exactas mostrou Carlos Malapert o seu elevado genio, sendo collocado a par dos grandes sabios da Companhia, que se occuparam d'este assumpto. Na poesia não alcançou menos gloria.

As obras poeticas de Malapert são em latim, como no seu tempo era uso geral dos eruditos, e sobretudo nos collegios. A maior parte das auctoridades escreveram então n'essa lingua.

E, porque vem a proposito, não deixarei de dizer que os Padres da Companhia sempre gosaram da fama de saberem fallar bem a lingua latina.

E a este respeito conta-se a seguinte anedocta: Ouviu um sujeito (com certeza ignorante em historia e chronologia) dizer que só Cicero fallara bem latim; e então perguntou: «Aprenderia elle com os Padres da Companhia de Jesus?»

Ora pois: tal foi sempre o conceito geral sobre a pericia dos jesuitas no conhecimento do latim: as suas obras o manifestam.

Aqui temos o jesuita Malapert, cujas producções litterarias são em latim. E advirta-se que a sua latinidade é pura e expressão clara, as imagens vivas e sempre variadas. O seu estylo, sempre nobre e brilhante. em nada se parece com o do seu tempo, em que dominava uma especie de gungorismo.

A julgar Malapert só pelas suas obras, dir-se-hia que elle viveu no reinado de Luiz XIV, tempo de esplendor das letras na França. Já dissemos que falleceu muito antes d'essa epocha.

(Continúa.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Os Papas de Avignon

II.

POR morte do Pontifice Bonifacio VIII, victima da sanha de Filipe IV de França, e de Guilherme de Nogaret, ficou vacante a Santa Sé até que o cardeal Nicolau Boccasini foi eleito Papa, tomando o nome de Benedicto XI.

Passava-se isto, no fim do anno de 1303, quando o novo Papa contava 63

annos, pois havia nascido em Trevis, em 1240.

Convem abrir aqui um parenthesis. Causa estranheza que Boccasini, subindo á cadeira de S. Pedro, tivesse adoptado o nome de Benedicto XI, estando por prehencher o de Benedicto X, visto que depois de Estevão IX, Papa fallecido em 1058, foi imposto a Roma pelo conde de Tusculum o anti-papa Benedicto, que adoptou o nome de Benedicto X, e apenas cingiu a thiara alguns mezes, até que, voltando da Alemanha o cardeal Hildebrand (que tanta influencia teve em Roma no pontificado de Victor II, Estevão IX, Nicolau II, e Alexandre II, e depois tambem foi Papa, e grande Papa sob o nome de Gregorio VII), fez eleger Nicolau II, a quem o anti-papa inteiramente se submetteu.

Fosse, porém como fosse, é certo que Benedicto XI succedeu a Bonifacio VIII, em 1303, fallecendo no anno seguinte.

Depois de muito instado por Fillippe o *Bello*, concedeu-lhe a absolvição das suas faltas, que foram muitas e grandes, assim como tambem absolveu a Jacques Colonna e seu sobrinho Pedro, envolvidos nas luctas travadas por essa occasião contra o excelso Papa Bonifacio VIII.

Quem elle nunca quiz absolver, apesar de todos os esforços para isso empregados, foi a Nogaret e a Sciarra Colonna, os dois impios sicarios que ergueram mão sacrilega, contra o Ungido do Senhor, o vigario de Jesus Christo sobre a terra.

O resultado foi, segundo se diz, ter morrido envenenado em Peruza, no anno de 1304. Viveu cheio de virtudes, e morreu em verdadeira santidade o venerando Pontifice, que foi beatificado 446 annos depois do seu fallecimento pelo Soberano Pontifice Benedicto XIV.

Furioso Nogaret por não ter conseguido ser absolvido dos seus crimes, furioso Fillippe IV por se ver abatido n'essa questão para elle importantissima, trataram de procurar eleger um Papa, que lhes ficasse devendo a eleição e o accesso a tão suprema dignidade, e depois se submettesse á sua vontade.

Para esse fim, voltaram as suas vistas para Bertrand de Goth, arcebispo de Bordeaux, que, não obstante ter obedecido a Bonifacio VIII, nas suas antigas luctas, era francez, e como tal seu subdito.

Havia, porém, uma difficuldade, e não pequena a vencer, e era o facto de Bertrand de Goth não ser cardeal, e portanto não poder ser eleito pelo conclave, como fôra determinado em 1274 pelo Papa Gregorio X; mas como só muito mais tarde (4 seculos depois) é

que Gregorio XV estabeleceu definitivamente as formalidades seguidas nas eleições pontificaes, é facto que Bertrand de Goth conseguiu cingir a thiara em 1305, graças á influencia do rei de França e aos votos dos cardeaes francezes tomando o nome de Clemente V.

Não tendo nunca suspeitado subir á cadeira de S. Pedro, e tendo devido essa honra a Fillippe IV, foi sempre um Papa... francez. E por isso foi sagrado em Lyon, nomeou muitos cardeaes francezes, aboliu as bullas de Bonifacio VIII contra Fillippe o Bello, e, apesar de contrariado, entregou-lhe a ordem dos Templarios, cujas enormes riquezas de ha muito lhe excitavam o insaciavel desejo.

Instituidos desde 1118 por Hugo dos Pagãos, confirmados por Honorio II, no concilio de Troyes em 1128, devendo a sua regra ao grande S. Bernardo, que n'esse mesmo concilio os favoreceu, eram os Templarios membros da mais importante das ordens religiosas e militares que floresceram na idade media. Prestaram grandes e importantes serviços á christandade, especialmente durante a segunda cruzada, chegando a obter donativos importantes em dinheiro e em terras, que segundo alguns historiadores, lhe rendiam cerca de 112 milhões de libras. (1) Quando os Turcos, em 1291, se assenhoraram definitivamente de Jerusalem, depois da tomada de S. João d'Acre, retiraram-se para a ilha de Chypre, dispersando-se depois, vindo o grão-mestre, com o que restava dos thesouros da ordem estabelecer-se em Paris.

Vimos no artigo antecedente os apuros a que ficou reduzido Fillippe IV, depois da dupla lucta que havia sustentado contra a Inglaterra e contra Flandres, sem proveito algum para a França. E como os Summos Pontifices Bonifacio VIII e Benedicto XI não o haviam animado a apropriar-se dos bens das ordens religiosas, voltou as suas esperanças para Clemente V, que, devendo-lhe a tiara, e tendo sido, e continuando a ser, seu subdito, lhe satisfaria os seus insaciaveis desejos.

E assim veio a realizar se.

Era grande, effectivamente no começo do seu pontificado, a resistencia de Clemente V em ceder-lhe a posse dos bens dos Templarios; mas como Fillippe IV não tinha escrupulos (veja-se o nosso anterior artigo), não se prñdeu com teias d'aranha. Assim como em 1302 falsificou a bulla de Bonifacio

VIII, perante os primeiros estados geraes, tambem agora inventou uma serie de monstruosos crimes, que impu-tou aos pobres Cavalleiros do Templo a quem acusou de impureza, impiedade, e delapidações. E o resultado foi mandar prender a 13 d'outubro de 1307 o grão-mestre da ordem Jacques Molay, assim como os templarios que estavam em França.

Baldadamente o grão-mestre e os principaes dignatarios da ordem protestaram contra as accusações que lhe faziam, as quaes alcunharam de calumniosas; mas foram submettidos á tortura e obrigados a confessar delictos que não tinham commettido.

Por instigações do rei e de Nogaret, que era a sua alma damnada, formaram-se commissões reaes, mórmente em Paris, e concilios provinciaes, fóra da capital de França, e os pobres templarios foram perseguidos encarniçadamente, chegando a assacar-se-lhe crimes de lesa divindade, como por exemplo os de renegarem a Jesus Christo, de escarrarem sobre a sua santa Cruz, e de adorarem um idolo, chamado Baphomet.

Apezar, porém de todos os seus protestos, foi grande numero d'elles enviado ao supplicio.

O Pontifice Clemente V, a cujos rogos havia obedecido o grão mestre da ordem, saindo de Chypre, para vir estabelecer-se em França, não pôde deixar de intervir, e no concilio de Vienna, em 1312, supprimiu a ordem, sem comtudo a declarar culpada, e sem a condemnar, devendo todos os seus bens serem entregues aos Hospitalarios; o que não foi permittido pela cubiça de Fillippe IV, que confiscou tudo em seu proveito.

Não podia deixar Jacques Molay de protestar vivamente contra esta iniqua expoliação; foram todavia os principaes dignatarios condemnados a prisão perpetua, e por fim mandados queimar por ordem de Fillippe o *Bello*. Jacques Molay, grão-mestre da ordem, e Guy de Auvergne, commendador de Normandia foram queimados a 18 de Março de 1313 n'uma fogueira que foi erguida em Paris onde existe hoje a praça de Ponte Nova.

Clemente V, que dirigiu nove annos os destinos da Igreja catholica, teve a fraqueza de condescender com as vontades d'esse monstro coroadado, perdooou os crimes de Nogaret, e, a pedido de Fillippe IV, transferiu em 1309 a Santa Sé para Avignon, cidade franceza, pertencente ao departamento de Vaucluse, e situada a 680 kilometros a suéste de Paris.

Pouco tempo sobreviveram Clemente V e Fillippe IV ao supplicio de Jacques Molay. O primeiro durou 40 dias

(1) Veja-se a *Verdadeira historia da condemnção dos Templarios* por Dupuy, as *Memoarias historicas acerca dos Templarios* por Gouville, e a *Historia dos Templarios* por Wilcke.

apenas; o segundo alguns mezes, fallecendo odiado por todos, e no meio de sedições populares, e da liga dos burguezes e das communas, contra a tyrannia do poder real.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Francisco I, Rei de França

(Vid. pag. 145)

No dia primeiro de janeiro de 1515 subiu ao throno de França o rei Francisco I, succedendo a Luiz XII, cuja filha havia desposado.

Assignou com o Papa Leão X a paz de Viterbo, e a concordata de Bolonha, e com Carlos V o tratado de Nagon. Disputou-lhe depois a corôa. Seguiu para a Picardia, e tomou algumas povoações, perdendo todavia o Milanez, por causa da derrota de Lautrec em 1522.

Tendo o condestavel de Bourbon posto cerco a Marselha, Francisco I expulsa-o e segue-o até Pavia. Feriu-se ali uma batalha em 14 de fevereiro de 1525 e o rei de França ficou prisioneiro, entregando a espada ao vice-rei de Napoles, que lh'a recebeu de joelhos.

Tudo está perdido, menos a honra, escreveu então o rei prisioneiro á duquesa de Angoulême.

Esteve prisioneiro onze mezes, e só lhe concedeu Carlos V a liberdade, depois d'elle assignar a cedencia dos d'ireitos de Napoles, Genova e Flandres.

Falleceu em 1545, deixando as lettras e as artes desenvolvidas e o feudalismo quasi extincto.

*
* *

S. Carlos em Vienna

(Vid pag. 151)

E' um templo sumptuoso, o de S. Carlos em Vienna d'Austria.

Quando em 1712 appareceu uma peste devoradora, que fez grandes estragos não só na capital austriaca, como em todo o imperio (não era de certo, como o *andago* do Porto), mal tinha subido ao throno o imperador Carlos VI, filho segundo do imperador Leopoldo, por morte de seu irmão José I, e, tendo implorado o auxilio de Deus, prometeu erguer um templo ao santo do seu nome, se a epidemia deixasse a cidade.

Ouviu Deus o voto do joven imperador, e Carlos V, cumpriu a promessa que fizera, mandando erguer o sumptuoso templo.

O templo é riquissimo e magestoso, e possui estatuas primorosas, quadros de grande valor, mosaicos notaveis pela sua elevada correção e alfaias riquissimas e em grande quantidade.

E' o templo talvez mais importante da grande capital do imperio austriaco, situada na margem direita do Danubio, na foz do rio Wien.

Noticias de Roma

No domingo, 10, o Santo Padre desceu, ás 5 horas da tarde, á basilica de S. Pedro, a fim de venerar as reliquias dos bemaventurados Pedro Bertheiot, nascido em Honfleur, e Rodrigues da Cunha, portuguez, martyrisados na China.

Assistiram a esta cerimonia a peregrinação de Perugia e uma multidão immensa de fieis, calculada em 30:000 pessoas. O Santo Padre vinha na *sedia gestatoria*, rodeado de 20 Cardeaes e pela sua côrte.

Sua Santidade apresentava um bello aspecto, apesar da sua fadiga.

Depois de ter recebido os directores da peregrinação de Perugia, o Papa pôz-se de pé na sua *sedia*, com todo o desembaraço e com viva satisfação, pouco antes de dar a benção, como que querendo assegurar aos assistentes que estava de perfeita saude. O Papa entrou ás 6 horas no Vaticano, no meio de vivas e aclamações.

—A *Italia reale* diz que depois de se ter espalhado a noticia das recentes fadigas do Soberano Pontifice, os imperadores d'Allemanha e da Austria e a rainha regente da Hespanha enviaram affectuosos telegrammas a Sua Santidade perguntando-lhe pela sua saude.

—O *Osservatore Romano* publica uma carta de Mon. Ireland ao Cardeal Rampolla, protestando vivamente contra a affirmacão da correspondencia romana do *Journal de Genève*, segundo a qual Mons. Ireland, numa carta ao duque de Norfolk, combateria o poder temporal dos Papas, bem como os methodos das Congregações e da Curia Romana. Mons. Ireland declara falar e pensar como falla e pensa o Santo Padre sobre uma materia tão grave, e reserva-se para repetir estas declarações de viva voz ao Cardeal Rampolla na sua proxima visita a Roma, para lucrar as graças do Jubileu e receber mais uma vez a benção de Sua Santidade.

—Está em Roma a peregrinação de Metz que já fez as visitas jubilaires.

—O Santo Padre recebeu no dia 12 em audiencia particular, o arcebispo de Malta, o bispo de Jeinseira, vigario apostolico do Zom Zim septentrional.

—Participam do Oriente a conversão

ao catholicismo de mgr. Pedro Sohdo, arcebispo schismatico dos Siro-Jacobitas.

SECÇÃO NOTICIOSA

Cartas encyclicas de Sua Santidade Leão XIII

Esta memoravel obra, uma das mais importantes que se têm publicado n'este cidade, pois que compendia todas as Encyclicas devidas ao cerebro extraordinario d'esse grandioso vulto que se chama o Pontifice Leão XIII, está completa na actualidade, pois que acaba de apparecer á luz da publicidade o quarto volume.

E' um monumento erguido á fé catholica e á Egreja esse trabalho gigantesco a que metteu hombros a possante energia do infatigavel editor catholico d'esta cidade, o nosso bom amigo José Fructuoso da Fonseca.

Para verem os leitores a importancia d'esse trabalho, basta dizer-se que compendia toda a existencia do nosso venerando Pontifice-Romano, pois que pelo 4.º volume se vê que trata de 84 Encyclicas, que tantas são as publicadas por Sua Santidade Leão XIII e que ali veem apontadas em indice especial, com as primeiras palavras em latim, taes como são conhecidas e citadas canonicamente.

Até ao fim do mez de Agosto custa a obra completa 25000 rs. D'ahi por deante custará 25400 rs. á razão de 600 rs. cada volume.

E attenta a sua importancia, pode dizer-se que é baratissima, porque ali se encontram, em vernaculo, todas essas admiraveis concepções, todos esses sublimes trabalhos do Chefe visivel da Egreja Catholica, a quem assiste o Espirito Santo, e cuja doutrina é infalivel. Acompanham esta memoravel obra duas Provisões escriptas pelo Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Conego Manoel Luiz Coelho da Silva ao tempo que era Vigario Capitular da diocese, *sede vacante*, por fallecimento de S. Em.^a o snr. Cardeal D. Americo, em que se admiram os seus vastissimos conhecimentos e rara erudição, assim como todas as Provisões até hoje publicadas pelo nosso actual prelado, o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, venerando e excelso bispo do Porto.

Foi revisor d'esta obra, cujos dois ultimos volumes a elle devem todo o seu valor, o Rev.^{mo} Padre Manuel Marinho, o douto theologo e o intemerato escriptor catholico, que tanto tem engrandecido a Egreja com os seus escriptos. Basta isto, para se avaliar da obra. Mas ainda fazemos mais, porque

publicamos o seguinte *prefacio*, extrai-do do quarto volume:

«Ao publicar o quarto volume das encyclicas do immortal pontifice, Leão XIII, julgamos dever prevenir os nos-sos caros assignantes, de que mantemos a resolução de levar a cabo esta impor-tantissima obra. No fim de cada anno publicaremos em fasciculo as novas encyclicas, que forem apparecendo, de maneira que todos os assignantes pos-sam adquirir a collecção completa.

«Neste quarto volume ajuntamos um novo indice dos dois primeiros, que assim ficam consideravelmente enrique-cidos.

«Procedendo d'esta forma, crêmos ter dado mais um testemunho inequi-voco do decidido empenho, com que procuramos satisfazer aos desejos dos nossos estimaveis assignantes e prote-ctores

«Fechamos emfim este volume com um additamento sob todos os respeitos apreciavel.— *O Editor.*»

Em vista pois do que fica escripto, não podem os nossos leitores fazer acquisição de livro mais proveitoso. E devem aproveitar a occasião, antes que a obra suba de preço.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

Carta Pastoral do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Francisco Ferreira da Silva, Deão da Sé Cathedral e governador do Bispado de Cabo Verde, ao cabido, pa-rochos e fieis da sua diocese.

Mais de espaço nos referiremos a este lucido trabalho, de que transcre-veremos alguns trechos, para que os nossos leitores se illustrem com a dou-trina do dignissimo sacerdote.

—O n.º 3 do 2.º anno das *Folhas Soltas* genuino jornal de propaganda catholica, devido ao zelo do grande apostolo dos circulos catholicos, o Rev.^{mo} Padre Benevenuto de Souza.

—O n.º 1 e 2, pertence a janeiro e abril de 1900 da curiosissima *Revista de Guimarães*, publicação da Socieda-de Martins Sarmiento, da mesma ci-dade.

—O *baptismo do potentado de Gaza e seus companheiros do exilio*, folheto de 23 paginas em 8.º-grande, por Mgr. Antonio da Silva Pratas. E' uma resu-mida, mas interessante narrativa dos factos que antecederam e procederam ao baptismo do pobre Gongunhana de infeliz memoria.

Encyclopedia portugueza illus-trada.—

Recebemos o fasciculo 60 (5.º do 2.º volume) d'este acreditado dictionario universal publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 16 figuras e 559 ar-tigos desde *Besantado* a *Biblicas*. Entre os artigos mais importantes d'este fasciculo citaremos *Beaxiga*, do illus-tre professor Clemente Pinto e *Biblia* do nosso presado collega Firmino Pe-reira.

Com este fasciculo conclue a 12.ª caderneta que tambem se acha em dis-tribuição.

Continua a assignar-se esta excel-lente publicação em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.ª, successor, Largo de S. Domingos 63, 1.º

Em Lisboa são correspondentes os snrs. Belem & C.ª, rua do Marechal Saldanha, 26.

Estudante illustre

Fez acto do terceiro anno da facul-dade de direito, na Universidade de Coimbra, no dia 15 do mez findo o Ex.^{mo} Snr. Armando Vieira de Castro, filho do zelozissimo e prestante gerente da companhia Carris de Ferro do Porto, o ex.^{mo} Snr. José Ribeiro Vieira de Castro, e irmão do nosso amigo o Ex.^{mo} Snr. Americo Vieira de Castro, talen-toso engenheiro civil.

Segundo nos consta, foi deveras nota-vel o acto feito pelo talentoso academi-co, o que não nos admirou, por saber-mos que foi sempre a illustração e a in-telligencia o apanagio de toda a illustre familia, pois que podem contar-se os talentos por cada um dos respectivos membros.

Com verdadeira cordialidade damos os mais sinceros e effusivos parabens á ex.^{ma} familia Vieira de Castro.

Uma moção de... desordem

O Norte de 20 do mez passado vi-nha todo engalanado, trazendo no alto da primeira pagina, no *entête* (como elle diz), o texto d'uma *moção de or-dem* (sic), apresentada ao parlamento, no dia anterior, pelo snr. Dr. Affonso Costa, mas que pelo texto, visto que nada mais era do que a indicação de que o *povo portuguez não queria a re-forma da Carta Constitucional, porque preferia a mudança de instituições (!)*, transformou se em verdadeira moção de... desordem.

Effectivamente não tem de que se queixar o governo porque... já que assim o quiz, assim o tenha.

Se o governo demissionario tivesse seguido outra linha de conducta, não teriam ido ao parlamento os deputados republicanos.

Mas como por um lado a cidade se via subjugada sob um regimen de ferro, injusto, com as medidas sanitarias, e por outro o governo e o partido pro-gressista se não souberam collocar á altura da situação, houve estes tristissi-

mos resultados, que, como portuenses, como portuguezes, como catholicos, e como respeitadores da lei e da ordem, nós muito e muito lamentamos.

E' forte!

Diz o Norte, em carta escripta de Castello de Branco, com data de 18 de junho, no seu n.º 126 de 20 do mesmo mez:

«*Scena de pugilato.*—De passagem por Alcanis, para Lisboa, o padre Joa-quim da Silva Rolão, vigario em Oledo-quando, na estação de Alcanis, se di-rigia ao Conde da Ilhanha, para o cum-primentar, foi aggreddido por elle, fi-cando ferido no rosto. O aggressor ser-viu-se d'um box. Consta-nos que o vi-gario lhe ia perguntar se desejava al-guma coisa para Lisboa. O conde leva-va por companheiro o snr. D. José, que tambem ajudou á aggressão. Estava presente um sobrinho do padre, aggreddido, empregado ali, que acudiu pelo tio, como era natural. O motivo da aggressão, ao que consta, foi o fac-to de o padre ir a Lisboa d-pôr n'um processo em favor da snr.ª D. Clara, de Oledo.»

E mais nada. Nem um commentario, nem nada! Ora imaginem os leitores o que seria, se se trocasse a scena, e se, em vez de ser o padre aggreddido, fosse elle o aggressor? Santo Deus, o que ahi não iria! Mas como se tratava de um sacerdote vilmente aggreddido... moita carrasco! E' o systema usado pelos republicanos.

Dispensa de abstinencia

O Rev.^{mo} Arcebispo de Braga, atten-dendo ao extraordinario concurso de fieis que por occasião das festas do S. João estiveram na formosa capital do Minho, dispensou do preceito de absti-nencia no dia 22 do mez findo, e do preceito do jejum no dia 23 não só aos moradores d'aquella cidade, como tambem aos forasteiros que ali se encon-travam, attenta a notavel escacez de alimentos magros que difficultavam o cumprimento dos preceitos da Igreja.

A rebelião na China

Como os leitores sabem, rebentou uma rebelião na China, achando se os indigenas em guerra aberta com a Europa e a America do Norte, que, com as suas esquadras, tentam impôr-lhes a ordem.

Segundo as noticias recebidas, con-tinuam ali as atrocidades exercidas pelos boxers contra os catholicos, mis-sionarios e estrangeiros. Foi assassi-nado na estação do caminho de ferro de Manigate o chanceller da legação japoneza, e atacada por 2:000 boxers uma patrulha ingleza que protegia a reparação do caminho de ferro em Tien

—Tsin. Na lucta ficaram mortos 25 boxers.

Graças pontificias

O Rev.^{mo} Arcebispo de Braga obteve que Sua Santidade, por ocasião da última visita feita á cidade santa concedesse entre outras, as seguintes graças: a dignidade de camareiros secretos de S. Santidade aos Rev.^{mos} Dr. Francisco Xavier da Cunha, seu secretario, João Airosa, benemerito fundador do bem conhecido collegio da Regeneração, e Joaquim Fernandes Lopes, director do seminario de Santo Antonio.

Felicitemos os agraciados.

A saude de Sua Santidade

Assustou-nos a Agencia Havas, no principio da quinzena passada, dizendo-nos que estava doente o egregio Pontifice Romano, e que o seu medico assistente o Dr. Laponi receava uma crise que fizesse perigar a preciosa vida do venerando Chefe da Igreja.

Felizmente a doença de Sua Santidade foi passageira, pois que apenas se limitou a um cansaço proveniente das fadigas que resultaram das grandes recepções concedidas aos peregrinos hespanhoes; por isso apenas esteve de cama dois dias, descendo no dia seguinte á basilica de S. Pedro, onde esteve adorando as reliquias do nosso santo compatriota o Bemaventurado Rodrigues da Cunha.

Circulo Catholico de Operarios do Porto

Festejou esta aggremação catholica o seu segundo anniversario, no dia 22 do mez findo, e para isso escolheu o dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, seu augusto Padroeiro.

De manhã, ás 7 horas, resou o nosso amigo e prestigioso iniciador do Circulo Rev.^{mo} Padre Benevenuto de Souza uma missa na capella de Nossa Senhora dos Anjos, commungando por essa ocasião grande numero de operarios.

Finda a communhão fez o virtuoso e illustre sacerdote uma commovente pratica, em que encareceu a devoção do Santissimo Coração do Redemptor, e o seu amor para com os homens, incitando os operarios a pedirem-lhe graças para que se dignasse fazer voltar á senda do bom caminho, os irmãos loucos e desvairados pelo erro.

Ás 11 horas celebrou-se missa solemne, no mesmo templo, sendo celebrante o Rev.^{mo} Dr. Antonio Moutinho digno parcho e presidente do circulo de Villa Nova de Gaya, sendo orador o Rev.^{mo} Benevenuto de Souza, que fez um eloquente discurso.

Á noite, ás 8 horas, houve sessão solemne na Associação Catholica. Ora-

ram os Exc.^{mos} Snrs. Manoel Fructuoso da Fonseca, João Duarte dos Santos, Leonardo Teixeira, Bento Antonio Rodrigues, Agostinho da Costa e Silva, Dr. Alves de Moraes, Dr. José Rodrigues Cosgaya e Padre Benevenuto de Souza.

Estes oradores que fallaram pela ordem em que vão inscriptos, foram todos muito applaudidos. Mencionaremos, porém, apenas um resumo do que disse o presidente Ex.^{mo} Snr. Manoel Fructuoso da Fonseca, por ter chegado recentemente de Roma, e participar á numerosissima assembléa que Sua Santidade Leão XIII havia concedido uma benção especial aos associados do circulo tanto effectivos, como protectores, e a suas familias.

Tambem o Rev.^{mo} Padre Benevenuto foi entusiastico e commovente no discurso que pronunciou. Quando S. Exc.^a quasi no fim, soltou um viva ao Coração do Divino Rei, toda a assembléa se levantou, e de mãos erguidas, repetiu as palavras do eminente orador.

Foi uma festa brilhantissima.

Nos intervallos tocou uma orchestra, composta de socios ds Circulo.

Reservamos de proposito para o fim a noticia mais importante, e ao mesmo tempo mais digna de nota.

S. Exc.^a Rev.^{na} o snr. D. Antonio Barroso, prestigioso e dignissimo prelado d'esta diocese que havia presidido á Assembléa religiosa, levantou-se no fim, no meio dos mais estrepitosos applausos, e fallou eloquentemente, como S. Exc.^a Rev.^{na} sabe fallar. N'esse notavel discurso, ahí improvisado, disse o nobre prelado que era necessario que todos perseverassem nas suas boas obras, porque só assim seria certo o triumpho da boa causa. Por fim louvou a paz, concordia e união que reinava entre o povo trabalhador, declarando que fazia ardentes preces ao Sagrado Coração de Jesus, para que sempre lhe desse as mesmas disposições d'espirito.

E assim terminou essa festa memoravel, sendo sempre o venerando Bispo do Porto alvo das mais inequivocas provas de respeito e affecto.

Commemoração funebre

Passou no dia 27 do mez findo o 2.^o anniversario do passamento do Exc.^{mo} Snr. José Luiz Vieira de Castro, chorado filho do nosso bom amigo e dignissimo gerente da Companhia Carris de Ferro o Exc.^{mo} Snr. José Rabeiro Vieira de Castro.

São sempre tristes estes luctuosos anniversarios, mórmente para um pae que chora a ausencia d'um filho querido, e d'um filho cuja lucidissima intelligencia tantas esperanças dava d'um futuro radiante, e para essa dôr, naturalissima n'um pae extremo, não vemos senão

um balsamo unico: a resignação nos insondaveis decretos do Eterno.

Por alma do finado foram ditas varias missas, que foram muito concorridas.

Commemorando tambem o nosso jornal o infausto passamento do malogrado e intelligente joven, damos as nossas condolencias a seu Paes e irmãos.

Fallecimento

Acabamos de receber a triste noticia do fallecimento do nosso amigo e antigo assignante, o Exc.^{mo} Snr. Francisco José Palhano, que residia na Ericeira. Foi excellente chefe de familia e um verdadeiro catholico, fallecendo com todas as disposições requeridas pela Igreja, apoz a recepção dos Sacramentos.

A seu filho, e nosso bom amigo o Exc.^{mo} Snr. Julião Maria Palhano assim como á demais familia enluctada, damos os nossos sentidos pezames, e aos leitores pedimos uma prece por alma do finado.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos assignantes que se acham em debito a fineza de seu prompto pagamento, pois a muitos temos dirigido saques os quaes nos teem sido devolvidos sem satisfazerem, o que nos faz grande differença por causa das despezas que fazemos.

Declaramos mais uma vez que todos os snrs. assignantes teem direito ao brinde offerecido logo que nos remettam a quantia de 910 reis do anno corrente.

ANNUNCIOS

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

—*—*—
Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas familias reaes Portuguezas.

As Tres Rosas dos Escolhidos

Tradução da 2.^a edição franceza
PELO

Ex.^{mo} Snr. Conde de Samodães

Com um breve de Sua Santidade Leão XIII

Approvada e recommendada
pelo Em.^{mo} Sr. D. Americo, Cardeal Bispo
do Porto
e pelo Ex.^{mo} Sr. D. João Maria, Bispo d'Angra

TERCEIRA EDIÇÃO

PREÇO, 200 REIS

Quem comprar 10 exemplares receberá 12, francos de porte, dirigindo-se ao editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto.

O editor faz grande abatimento a quem de-sejar fazer propaganda d'esta importante obra.

A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS
OU

Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

POR

O Abbade J. BERTHIER, M. S.

Vertido da 4.^a edição franceza

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholicos. Preço 600 reis.

O LIVRO DE TODOS

VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Preço: Broch., 600; enc., 700

Forma de se ganhar com especialidade a singular Indulgencia da Porciuncula.

Um folheto broch., 50 reis.

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

POR

CARLOS H. PIEPER

REVISTO POR

Dr. Theologo Domingos de Souza
Moreira Freire

Com permissão do Em.^{mo} Snr. Cardeal
D. Americo, Bispo do Porto

2.^a EDIÇÃO

Augmentada com o Modo de ouvir a Missa pelos Defunctos. Brochado 100; enc., 160 réis.

Preces que por ordem de Sua Santidade o Papa Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos depois das missas rezadas em todas as igrejas do orbe catholico. Cento, em portuguez, 800; em latim e portuguez, cada exemplar 50 reis.

LADAINHA

DO

Sagrado Coração de Jesus

Approvada para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII por decreto da S. C. dos Ritos, em 2 d'abril de 1899.

Cada cento. 600 reis
Avulsas 10 "

FORMULA DA CONSAGRAÇÃO

AO

SAGRADO ORAÇÃO DE JESUS

Prescripta pelo S. Padre Leão XIII
na Encyclica
de 25 de mai de 1899

Cada cento em cartão 800 reis
Avulsa 10 "

Catecismo contra o Protestan-

lismo, Composto pelo Cardeal Cuesta; Archebispo, de S. Thiago; approvado e recommendado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada exemplar, 50 reis; 25—1\$000; 50—1\$700; 100—2\$800.

FORMA DA CONSAGRAÇÃO

AO

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Prescripta pelo SS. Padre Leão XIII na
Encyclica de 25 de Maio de 1899

Approvada pelo Ex.^{mo} Snr. Vigario Capitular
Coelho da Silva

Preço em cartão 10

ORAÇÃO A S. JOSÉ

Centos, 600; avulso 10 reis.

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

Padre AFFONSO MUZZARELLI

da COMPANHIA DE JESUS

COM

Piedosos e lindos colloquios
com a SS. Virgem para todos os dias e tocantes
exemplos extrahidos das obras de
SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO
e de outros bons auctores

Com permissão do Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Cardeal
D. Americo, Bispo do Porto

QUARTA EDIÇÃO

Preço, cart. 160 reis
Broch. 100 reis

Coroa do Coração de Jesus

Compõe-se de cinco dezenas em honra das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. Cento, 600; avulso, 10 reis.

MODO

DE

OUVIR MISSA PELOS DEFUNCTOS

E

Orações do bom christão

OBRA RECOPIADA

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

Com approvação e indulgenciado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Preo: Broch., 100; enc., 160.

Pedidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—Rua da Picaria n.º 74—Porto.

MEDITAÇÕES

E

PRATICAS DEVOTAS EM PREPARAÇÃO

PARA A FESTA DO

SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

PELO

Padre José M. Mautredini, S. S.

Traduzido do Italiano

Approvado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio
Bispo do Porto

1 vol. broch. 100
1 vol. enc. 160

A' venda em todas as livrarias e no escriptorio do Editor snr. Antonio Dourado, Passaio da Graça, 43—Porto.

NOVENA

DO

ESPIRITO SANTO

PELO

P.^o MANOEL MARINHO

Approvada e indvulgenciada

POR

S. Em.^a o S.^{r.} Cardeal D. Americo
Bispo do Porto

Brochado 100 reis
Encadernado 150 "

A' venda no escriptorio de Antonio Dourado, Rua do Carmo n.º 3, Porto, e em Lisboa, Agencia Universal de publicações, Rua da Victoria 38-1.º e nas principaes livrarias.